A Terceira Porta



A Terceira Porta

Capítulo 1

"Bruno! Vamos com isso! Chega de enrolar!", Disse Renato em tom imperativo.

"Estou quase pronto Renato! Que coisa! Não há necessidade de ficar me apressando. Já concordei em ir com vocês".

Bruno era um rapaz tímido, um pouco gordinho, tinha baixa autoestima em função de sua aparência e por essa razão não costumava sair muito. Sua aparência não era má de forma nenhuma. Era um rapaz alto, tinha cabelos castanho claros, um rosto escultural, era atraente de todas as formas. Poderia ser dito que era um moço lindo. A única questão é que estava bem acima do peso, e isso para os gordinhos sempre é uma questão de difícil trato. Tendo sofrido bullying e sido hostilizado na infância e adolescência e mesmo agora na fase adulta, o resultado para a autoestima é desastroso, em geral os gordinhos acabam sendo mais solitários e mais caseiros. Tinha seus amigos, mas dificilmente saía para barzinhos ou baladas, preferia ficar em casa. Na verdade, sua situação já estava ficando crítica. Estava muito triste e sozinho. Sua vida se resumia a trabalho e casa, não saía para mais nada. Aos fins de semana ficava em casa assistindo Netflix, ou quando muito recebia seus amigos, Renato, André e Henrique. Renato estava percebendo que Bruno estava deprimido e caminhando para algo ainda pior e procurava ajudar da maneira como podia, da maneira como lhe parecia apropriada. Por isso, neste sábado, havia quase obrigado a Bruno a ir à Urspace, balada de caras ursos em São Paulo. A resistência de Bruno era enorme.

Não foi a primeira vez que Renato obrigava Bruno a sair, sem sucesso, mas dessa vez a coisa tinha sido feita de forma mais veemente.

Mais uns 15 minutos e estavam todos saindo da casa de Bruno em Santo Amaro, rumo à Urspace, no carro de Renato. Conseguiram chegar lá às 00:30 e pegaram uma fila imensa para entrar. Mesmo assim à 01:00 estavam dentro e começaram a explorar a balada. Bruno nunca tinha ido. Conheceu a entrada, o barzinho em cima, a pista de cima, o corredor de cima e a pista de baixo. Os três passearam por toda a balada, percebendo bastante bem quem estava lá, olharam, dançaram, prestaram atenção.

Lá pelas 02:00 subiram à pista de cima e ficaram próximo de uma das pilastras daquele ambiente, parados conversando. A estrutura da balada era um pouco complicada, muitos ambientes e escadas, muitas pilastras. Aquilo havia sido a recepção, entrada, saguão e primeiro andar de um hotel, agora adaptados para serem balada. Havia algumas outras pessoas por ali em volta, alguns conhecidos, outros não.

Ainda conversando que estavam, subitamente André chamou a atenção em voz bem alta:

"Pessoal, olha para a entrada daqui desta pista. Olha lá bem rápido, vai! Presta atenção no monumento que vai entrar e passar por aqui"!

Todos olharam. Realmente havia um cara no umbral da porta, deveria ser bem alto, pelo que parecia pelas proporções em relação à porta. O corpo estava virado para frente e a cabeça para trás, como se esperasse alguém. Então essa pessoa olhou para frente, desceu os poucos degraus que havia entre onde estava e o piso do próximo ambiente e começou a percorrer o espaço que margeava a pista e conduzia ao bar. Um caminhar lento e soberbo. Estava sem camiseta, sua camiseta estava dependurada na calça, na cintura. À medida em que passava podia-se ver melhor. Um homem bem alto, extremamente musculoso, como se fosse um halterofilista, costas largas, peitoral imenso, bem volumoso, que quase cobria as axilas, mamilos largos, rosados e pontiagudos, braços incrivelmente grossos, ventre bem reto e magro, porém sem gominhos, quantidade razoável de pelos, sem ser excessiva, no peito e barriga. Mesmo por cima da calça via-se uma bunda muito grande e musculosa e coxas imensamente grossas. Para completar o conjunto, um rosto escandalosamente bonito, nariz longo e fino, olhos pequenos e olhar penetrante (apesar de que não olhava em direção nenhuma, estava absorto), bem barbeado, boca de formato belo, queixo quadrado como é adequado a uma figura muito viril, cabelo escuro e liso, comprimento mediano.

Essa pessoa caminhou impávida, magistral, poderosa, atravessando o corredor da pista e rumando ao bar, onde parecia pedir alguma bebida.

O assombro foi geral. Renato disse:

"Que monumento é esse"?

Henrique:

"É um deus"!

Bruno: "Um colosso de mármore"!

André: "Já vi ele aqui. Ele é de longe o cara mais lindo, gostoso e perfeito daqui. Léguas adiante de todos os outros. O que ele está fazendo aqui? Errou de balada? Isto aqui não é para ele".

Renato: "Realmente, pensando bem, está muito acima da média da balada. O que será que o traz aqui? Já vimos todo mundo que está aqui, não consigo imaginar ninguém que esteja aos pés dele para ficar com ele, será que ele está entediado dos locais que frequenta e veio conhecer alguma coisa nova"?

Henrique:

"Ah, talvez ele queira dar uma de doido e experimentar alguma coisa nova, tem curiosidade de saber como é ficar com um ursinho. Se bem que um cara desses ficaria com "O URSO", os caras que estão aqui não chegam aos pés dele"!

Bruno: "Eu tenho curiosidade de saber com quem um cara desses fica, ou melhor, quem é que fica com um cara desses. Vou procurar prestar atenção nele até o final da noite".

Nesse momento, dois frequentadores que estavam próximos os interpelaram. Um deles disse:

"Queiram me desculpar a intromissão, vi que estão falando do cara que entrou. Posso dar uma informação a vocês? Cuidado com ele. Ele não é flor que se cheire. Ele é antipático, arrogante, metido, insuportável de nojento, grosseiro, agressivo, falso, hipócrita, premeditado, manipulador, perigoso, uma cobra venenosa, um escorpião negro. Aconselho que fiquem muito longe dessa figura nefasta, ele pode lhes fazer mal"!

Renato respondeu: "Ah, pode ficar tranquilo, não temos a menor intenção de nos aproximar dele, estamos só observando. Aliás, por que será que eu já previa isso? É meio óbvio que um cara com esse porte seria isso tudo mesmo, não é"?

Isto dito, foram todos de volta à pista grande, lá embaixo. Para se chegar à pista grande era necessário passar por um corredor e descer uma escada.

Lá chegando, os quatro dançaram um pouco e Bruno começou a reclamar. Dizia que não estava se divertindo, que não deveria ter vindo. A situação de Bruno estava mesmo grave. Sentia tédio em qualquer lugar que estivesse. Precisava mesmo de um psiquiatra.

Tanto atormentou seus amigos que Renato disse:

"Bruno, por que não vai ali até o bar da pista e pega uma cerveja para relaxar um pouco? Quem sabe consegue tentar se divertir. Deveria também dar uma volta, olhar um pouco a balada, quem sabe até paquerar um pouco, por que não? Você não faz a menor força"!

Bruno concordou, expressando até um pouco de irritação. Foi até o bar e pediu uma cerveja. Foi nesse momento que percebeu que, ao lado da escada, havia uma rampa que não tinha visto antes. Teve curiosidade de saber o que seria aquilo e começou a caminhar muito lentamente naquela direção, também observando o que havia em todo o seu redor.

Uns dois metros à frente, olhou para a escada e, para seu assombro, percebeu que uma figura descia correndo. Havia um teto na escada que cortava a visão de toda a extensão vertical, só era possível enxergar a metade de baixo da pessoa que descia, e à medida que a pessoa completava sua descida seria possível vê-la inteira, mas Bruno já sabia quem era, pelas coxas muito volumosas e pela camiseta pendurada. Ficou ali parado um pouco para pelo menos ver de perto como seria aquele monumento.

Monumento continuava sua descida apressada e, ao passo que se aproximava do final da escada, diminuía sua marcha. Até que finalmente era possível enxergá-lo todo. Bruno olhava. Indescritível mesmo. Maravilhoso.

Monumento olhou lentamente para o lado oposto de Bruno, o lado do banheiro, para a entrada da pista que havia por ali, depois foi movendo a cabeça para o outro lado, na direção do bar e da outra entrada da pista. E finalmente foi subindo o olhar para onde Bruno estava. Quando avistou Bruno, seu olhar parou. Encarou Bruno e fixou o olhar nele. E não tirava mais o olhar de Bruno! Foi descendo os poucos degraus da escada que faltavam sem tirar o olhar de Bruno, Bruno estava congelado. Ao chegar ao chão, deu um passo adiante e um leve tropeção, esbarrando nas costas da pessoa que se encontrava à frente. Fez um gesto pedindo desculpas e, assim que se recuperou do tropeção, voltou seu olhar fixo a Bruno. Logo deu dois passos para o lado, em direção à direita, para ficar exatamente em frente a Bruno, sem tirar o olhar fixo dele. Monumento estava deixando muito claro a Bruno que era ele mesmo o cara paquerado, e que queria mesmo. Nessa hora Bruno se apavorou e virou 90 graus para não ficar diante de monumento. Este, impassível, não parecia se importar, apenas olhou para trás e percebeu que a pilastra ao lado da escada estava vazia. Deu dois passos atrás para encostar-se. Continuava olhando para Bruno.

Bruno ficou onde estava. Tentava esquivar-se da situação, mas não conseguia! Volta e meia dava uma olhadela com o canto do olho em direção a monumento e ele continuava ali, mantendo seu olhar fixo.

O tímido Bruno teve um momento intrépido, uma coragem súbita, que não costumava ter, isto o dominou e ele olhou para trás, na parede imediatamente oposta à pilastra e à escada. Havia um local vago ali, onde poderia se encostar. Bruno virou-se e foi até aquele local, onde se encostou. Sabia que não deveria fazer isso, sabia que era errado, mas fez. Monumento reagiu imediatamente. Deslizou pela pilastra em sentido horário até que se encontrasse imediatamente defronte a Bruno. Estavam separados por não mais que dois metros.

Estava armada a paquera. O tímido Bruno, porém, não conseguia encarar monumento. Em primeiro lugar porque paquerar não era sua natureza, tinha

uma dificuldade muito grande com isso. Em segundo lugar, a extrema beleza de monumento o intimidava e, em terceiro lugar, por causa de sua fama horrível. Mas pelo menos não se acovardou, permaneceu ali. Pensou: "O que posso perder? Se for um ser insuportável, simplesmente vou embora"...

Ali estavam. Bruno tentava olhar para monumento, mas não conseguia encará-lo, seu olhar era muito forte, muito penetrante. Olhava um pouco e logo se apavorava e desviava o olhar para o lado, fingindo beber cerveja. Foi assim por algum tempo. Logo, como se fosse uma resposta, monumento começou a desviar o olhar de Bruno também, fazendo como se fosse uma dança. Bruno olhava para ele, ele desviava o olhar e Bruno podia ficar observando monumento por alguns instantes. A seguir, monumento ia voltando a cabeça com muito cuidado, lentamente, como se quisesse anunciar que estava voltando seu olhar. Quando os olhares se cruzavam, Bruno se subtraía. Instantes após, Bruno ia voltando sua cabeça e monumento ia retirando a dele. Que interessante! Monumento havia entrado na dança de Bruno! Por algum tempo ficaram nessa dança e movimento, até que monumento começou a indicar que estava fazendo este mesmo movimento, só que de baixo para cima. Abaixavam a cabeça e logo iam levantando lentamente. Só que agora de forma simultânea. Fixavam o olhar por um tempo, o quanto Bruno suportasse. Isso aconteceu por duas vezes. Na terceira, assim que os dois olhares se fisgaram, monumento abriu um sorriso esplêndido, de orelha a orelha, acolhedor, delicioso, simpático. Bruno não resistiu. Foi espontâneo. Respondeu com outro sorriso gostoso. Sorriram um para o outro um certo tempo, até que Bruno, de novo, se retirasse e olhasse para o lado, só que desta vez monumento não se moveu, continuou lá, sorrindo. Bruno voltou uma ou duas vezes para ele e encontrou o mesmo sorriso. Agora conseguia permanecer mais no contato visual.

Neste ponto, monumento fez um gesto. Usando a mão direita, passou-a sobre a testa e sacudiu ao lado do corpo, como se estivesse limpando o suor da testa. E deu um sorriso ainda maior. Bruno entendeu o gesto. Que a paquera tinha sido difícil, tinha dado trabalho a seu companheiro de paquera. Nessa hora nem conseguiu se segurar. Achou engraçado e espirituoso o gesto e começou a rir mesmo. Colocou o braço em frente ao rosto, como quem diz "estou com vergonha", ao que monumento respondeu com um outro gesto de cabeça, querendo dizer "deixa pra lá, não tem problema". A comunicação estava feita!

Capítulo 2

Era a entrada de monumento. Ele começou a se mexer. Deu uns três passos pequenos, que cobriam a distância entre ele e Bruno. Estavam na beira da pista de dança, era difícil falar. Monumento chegou ao ouvido de Bruno e disse: "Oi! Posso conversar um pouco com você?"

A voz era impressionante, bem forte e grave. Muito viril. Combinava com o resto da pessoa. Bruno respondeu: "Pode sim".

"Meu nome é Lucas".

"O meu é Bruno, prazer"! E deram-se as mãos. Bruno apressou-se: "Olha, eu sou muito tímido. Eu posso simplesmente travar. Quando eu travo, eu fico mudo e olho pro chão. Não significa que eu não quero mais falar com você, significa apenas que eu travei. Por favor, não vá embora".

Lucas retirou sua chave do bolso e disse ao ouvido de Bruno: "Olha, eu estou com minha trava elétrica aqui, será que ela funciona com você também"?

Ambos riram. Brincadeira besta mas servia para descontrair. Lucas continuou: "Bruno, relaxa cara. Tá em casa, viu? Não tem trauma não, sou bem tranquilo. Mas se você travar, não se preocupe, eu espero sim, ok"?

Logo em seguida Lucas perguntou: "Você chegou faz tempo não é"?

"Sim, chegamos às 00:30 para evitar a fila. Não adiantou nada, porque ficamos um tempo enorme na fila"!

"Chegamos? Você está com amigos? Onde eles estão"?

"Eles estão ali na pista de dança".

"Hmmm, e o que o Sr. ovelha desgarrada está fazendo por aqui? Veio ciscar em outros terreiros"? E deu uma risada. Bruno riu também. E começou a sentir-se um pouco mais à vontade. O cara era muito simpático, bastante educado. Onde estaria a tal da terrível antipatia? Respondeu:

"Não, eu vim buscar uma cerveja no bar e avistei esta rampinha, estava querendo saber o que há por lá".

"Bem, voltando ao horário, posso te dar uma dica? Se quiser evitar a fila, tem que chegar mais cedo ainda. Assim que a casa abre, por volta das 23:30, máximo 00:00. Se passar disso, vai pegar a pior fila, que é justo o horário que todos chegam".

"Entendi. Informação registrada. Mas e você? Chegou há bem pouco tempo, não é"?

"Pois é, cheguei quase agora. Sabe o que aconteceu? Eu estava no Argos, conhece lá"?

"Sim, conheço".

"Estava lá com meus melhores amigos, que são o Tiago, o André e o Guilherme. Só que eles gostam da The Breed (balada de caras bombados). E a The Breed começa bem mais tarde, é possível chegar lá às 02:30, 03:00 ou até 03:30. Como nós estamos sempre juntos e nos damos muito bem, esqueci da hora, bobeei, fui ficando com eles distraído, quando fui ver já eram quase 02:00. Eu nem vinha mais, ia para casa dormir. Mas na hora "h" de colocar o "destino" no uber eu acabei colocando aqui sem querer, e deixei. Eu pensei – só tenho sábado para me divertir. Se perder este, tenho que esperar uma semana. Vamos lá então, nem que seja para entrar um pouquinho e sair"...

"Entendi".

"Deixa eu te perguntar uma coisa: estou escutando um sotaque carioca... Olha, espera um pouco. Antes de responder a essa pergunta, posso te fazer uma sugestão? É só uma sugestão, tá? Não tem obrigação de aceitar se não quiser. Bem, nós estamos aqui neste fim de pista de dança, estamos tendo que quase gritar um no ouvido do outro. Você concordaria em descer ali para a rampinha? A gente ficaria mais bem acomodado e fica mais fácil de conversar. O que acha"?

"Opa! Eu acho uma ótima ideia! Também não estou confortável aqui, e assim conheço um pouco da rampinha que eu fiquei tão curioso. Vamos lá sim"!

Foram para lá os dois. Bruno encostou na parede e Lucas ficou em pé na frente dele. Lucas continuou:

"Então, eu ouvi um sotaque carioca. Você é do Rio"?

"Sim, sou".

"Então por isso que nunca o vi por aqui. Vai ficar até quando"?

"Não! Eu moro aqui há dois anos"!

"Olha que interessante! Veio a trabalho, obviamente"!

"Sim, tive uma proposta de trabalho muito interessante de uma empresa de software, a empresa fica na Chácara Santo Antônio e eu achei uma casa no Alto da Boa Vista para morar. Estou gostando muito.

"Bruno! Que máximo! Você está morando e trabalhando em bairros muito legais, interessantes, bonitos! Sabe que não são todos os que vêm de fora que têm a oportunidade de conhecer lugares mais legais de São Paulo, não é? Eu sempre vejo o pessoal do Rio ficar na região da Paulista, que é legal mas, vamos e venhamos, cansa um pouco e está um pouco decadente, né? Ou então Moema, eu não sei por que carioca encana tanto com Moema, hahahaha. Acho que é porque é plano".

"Eu não sou nada lugar comum, Lucas. Se me conhecer, vai ver".

"Então Bruno, posso te fazer uma pergunta? É uma coisa que tenho muita curiosidade há muito tempo e você é uma pessoa justamente tão adequada para responder. Olha Bruno, eu tenho total consciência que minha pergunta é um absurdo e não tem nada a ver com o local e a ocasião. Então, se ao final da pergunta você quiser me mandar a merda você tem todo o direito, ok? Fica combinado que você pode falar – Lucas, se liga seu tonto! Será que não percebe que não é lugar de conversar sobre isso? Pode dizer, eu não fico ofendido". Lucas dizia isso com um sorriso nos lábios. Os dois já estavam bem sintonizados e brincando na boa.

"Pode fazer a pergunta Lucas", disse Bruno meio ressabiado... que raio de bomba viria agora?

"É o seguinte. Se formos considerar os Estados Unidos, por exemplo, as duas maiores cidades são Nova York e Los Angeles. Elas estão nos exatos extremos do território. Uma tem colonização totalmente inglesa e muitos imigrantes, fria, centro financeiro do país. A outra começou como parte do México, colonização espanhola, entrou para o território americano muito mais tarde e desenvolveu-se graças à indústria cinematográfica. Justificada a diferença cultural.

Agora, veja o Brasil. As duas maiores cidades são São Paulo e Rio. A distância entre as duas é de apenas 400km, insignificante se você considerar o imenso território brasileiro, não é? São cidades vizinhas. No entanto, parece haver um abismo cultural entre elas.

Você é uma pessoa que vem do Rio e está aqui há dois anos, acredito que tenha tido tempo suficiente para formar uma opinião. Poderia me responder o seguinte? Por que existe essa diferença cultural entre as duas? O que mais te saltou aos olhos como diferença cultural, principalmente nos primeiros momentos em que esteve aqui, porque aí pegamos as diferenças mais flagrantes. E finalmente, como qualifica sua adaptação aqui? Sente-se confortável aqui? O que está bom e o que está ruim?

Olha, agora que terminei a pergunta percebo que ficou mais absurda ainda do que pensava. Tudo bem, eu sei que isso não é papo pra Urspace, sei lá, pode até ser um papo chato. Pode me mandar a merda agora mesmo se quiser".

Bruno estava muito impressionado. Disse: "Lucas, não vou te mandar à merda coisa nenhuma. Você sabe que percebo as diferenças culturais desde que cheguei aqui, e em dois anos nunca ninguém me perguntou isso? Faço questão de responder a sua pergunta e conversar com você sobre isso! Vamos deixar uma coisa bem clara Lucas? Para mim não existe essa de papo que está adequado para Urspace, papo que está adequado para avenida Paulista mas não está adequado para avenida Faria Lima, etc. Veja, estou achando nosso papo muito acima da média, seja para Urspace seja para onde for! Eu estava entediado em casa e estava entediado aqui, e justo agora começo a me entreter! Não entendo por que se julga inadequado... Não esperaria ter esse tipo de papo aqui hoje, isso sim, e, posso ser muito sincero? De todas as pessoas que estão aqui esta noite, você seria seguramente a última de quem eu esperaria uma pergunta dessas. Quando chegou em mim pensei que conversaríamos sobre suplementos, academia e anabolizantes. Estou bastante surpreso. Deixe-me responder sua pergunta, por favor.

Em primeiro lugar vou ser bem sincero e simples: Estou muito bem aqui sim. Sabe quando voltarei a morar no Rio? NUNCA! Entendeu"?

"Nossa Bruno, que forte isso hein? Estou um pouco impressionado! Que terá acontecido? estou curioso".

"Não aconteceu nada não, Lucas. Foi apenas a sucessão de fatos. Veja: quem nasce no Rio é levado a crer que o Rio é a oitava maravilha do mundo. A cidade maravilhosa, cheia de encantos mil, você sabe. Só que desde que saí de lá, cada vez que volto lá percebo melhor ainda uma coisa que eu não via antes. O Rio não tem diversidade cultural. A colonização foi quase que unicamente portuguesa. Para mim, hoje, o Rio é uma imensa vila portuguesa. Bom, o efeito disso é uma coisa bem chata. O Rio tem uma cara única. É um só jeito, uma só maneira de se fazer as coisas, um só jeito de proceder, uma só estética, etc. Acho isso cansativo. Esse padrão único é a grande pobreza cultural do Rio.

Quando eu cheguei aqui, comecei a perceber umas coisas. Existe bairro alemão, bairro japonês, bairros italianos e fico bobo com o Bom Retiro, que já foi judaico, hoje é coreano e está aos poucos se transformando em chinês. Veja essa complexidade! E nem precisa do elemento étnico. Aqui cada bairro tem uma personalidade própria, uma história própria de como surgiu e se formou, em São Paulo não há uma mentalidade só. Há uma mistura total, diversidade absoluta, me dá uma sensação de verdadeira metrópole, cosmopolita. Gigantesca, absurda de imensa. Aqui não há padrão único, entende? Aqui são

tantas maneiras de ser e de existir, que as pessoas compreendem melhor a diferença. Talvez por isso exista um maior respeito com o outro, uma educação mais polida, uma consciência melhor".

Lucas disse: "Bruno, confesso que você me deixa um pouco chocado. Não esperava essa resposta. Esperava mais uma comparação tranquila, o que cada uma tem de diferente. Fico um pouco abismado, pra falar a verdade, com um carioca da gema descendo a lenha no Rio, mesmo porque eu conheço o Rio bastante bem e não tenho essa impressão tão negativa. Muito pelo contrário. Já fui inúmeras vezes ao Rio e tenho uma impressão muito boa"

"Me diga uma coisa: você deve ter um bom ouvido para sotaques, não? Percebeu o meu logo de cara. E você? É paulistano mesmo"?

"Sim, Bruno. Meu pai dizia que eu sou um papagaio. Reproduzo sotaques com muita facilidade. E você nasceu no Rio mesmo? Morou sempre lá? Eu sou paulistano sim, nasci aqui, sou paulistano da gema. Meus quatro avós são daqui"!

"E como te soa o sotaque carioca"?

"Bem, vou ter que ser um pouco politicamente incorreto. Eu percebo mais de um sotaque nos cariocas. Um deles é aquele sotaque de morro, merrmão e tal. Acho feio e inspira coisas ruins. Você deve saber do que estou falando. Uma outra forma de carioquês é aquela coisa afetada da televisão. Extremamente irritante. Aliás, me enche o saco quando vejo alguns filmes dublados sabe, me desculpe a sinceridade. De repente estou vendo um filme de gângsters em Chicago e as pessoas falam naquele carioquês afetado, não combina. O carioca que eu gosto é o seu. Carioca de pessoa de alto nível social, pessoa letrada, sem afetação. Esse carioca cai muito bem nos meus ouvidos. Imagino que você, a essa altura, já tenha percebido vários tipos de sotaque em São Paulo, mesmo aqui dentro da capital".

"Acho que não Lucas, não tenho seus dons linguísticos".

"Bom, acho que posso mostrar a você e você vai reconhecer. Eu pelo menos percebo um sotaque de malandro periferia, inspira perigo – ae manu, tá com a franga na mão joga na hêndis – , um outro sotaque da zona leste, bem italianado – Mercedi, tira as rropa do varal qui tá pinganu".

Bruno riu.

"E um terceiro de paulistano de bom nível social e letrado, sem afetação, bem mais plano, que vem a ser exatamente o meu, desculpe a falta de modéstia".

"Pois é Lucas, eu ia justo dizer isso. Não cheguei a toda essa análise de sotaques, mas ia dizer que o seu sotaque é nitidamente paulistano mas não me incomoda, acho suave. Agora está explicado"!

"Eu gosto do sotaque carioca – o seu – e do gaúcho, são os dois que mais gosto".

"Nossa! Gaúcho? Eu acho aquilo muito chato! O sotaque, o povo, o estado, tudo. São prepotentes e bairristas".

"Bem, quanto às características que elencou do povo não posso dizer nada, são sua impressão. Mas me diga exatamente o que não gosta no sotaque gaúcho".

"Ah, Lucas, não tenho a sua habilidade, por favor. Nem lembro do sotaque agora".

"Eu imito pra você, daí você me diz". E Lucas desatou a falar em sotaque gaúcho perfeito, bem carregado:

"Bah, guri. Capaz que tu vai ficar dormindo! Tu desabanca dessa cama que nós vai na rredenção olhá os piá"!

Bruno começou a rir forte. Riu um tanto, depois que parou Lucas entrou:

"Lindão, não era pra você rir, queria que prestasse atenção para me mostrar o que não gosta"!

"Ah, Lucas, não dá pra não rir né? Você imita direitinho! É isso mesmo! Eu ri mas prestei atenção sim. Já sei o que te dizer. É esse jeito de falar que vai e volta, parece carro que não quer pegar. Nhe nhê, nhe nhê, nhe nhê".

"Já peguei! Você não gosta do cantado. O gaúcho é cantado, como se fosse uma língua tonal. Isso te irrita. Percebi. Engraçado, é justo o que me encanta... mas... cada um com seu gosto. Queria ver se você escutasse o sueco, que é isso à décima potência, você ia traumatizar, hahaha"!

"E você? Qual sotaque não gosta"?

"Ah, Bruno, acho melhor eu não dizer".

"Por quê? Eu não disse o meu? Vamos! Reciprocidade diplomática! Hahaha".

"Não sei, vai que você tem algum parente de lá? Ou que está com algum amigo de lá? É muito próximo! Tanto do Rio quanto de São Paulo".

"Bom, já matei então, só pode ser Minas".

Lucas olhou pra baixo meio sem jeito.

"Ah, não vale Lucas! Eu posso me expor e você não? Vai me dizer por que não gosta e também imitar, hahaha".

"Bem, acho que já foi, né? Bom, acho os mineiros atrasados, caipiras, arraigados a tradições de três séculos atrás, de um estado chato, enfadonho, que não tem nada a oferecer, e o sotaque? O que é aquilo? É palhaçada? Quem que aguenta aquela entonação enjoada, parece que ia pedir alguma coisa mas engasgou no pão de queijo! Parece um jeito suplicante, parece que está rezando".

Bruno começou a rir de novo. "Coitados dos mineiros! Hahahaha, tadinhos deles, tão bonzinhos! Hahaha, agora vai imitar mineirês um pouco pra mim então".

Lucas começou: "Maria Amélia, ocê qué mais um cupim di café i um pão di queijo? Nóis vai te qui isperá mais um bucadim, que Marquim atrasô nu trânsu. Diz que um ônsbu garrô na passagem duma rua na Savassi, gora esperá né amiga? Eu vô pruveitá pra falá pra Luiz que as filha de sô Nhoquim paxonaro com ele, elas garrô no amor, gora largá? Ele tem que visitá senão elas vai magoá com ele".

Lucas ia continuar mas achou melhor não. O Bruno já estava dando gargalhadas tão fortes que se contorcia. Mal conseguia respirar. Ria muito, e mais e mais. Quando parecia que ia parar a gargalhada voltava. Durou um tempo assim. Lucas teve que esperar. Quando a coisa estava parecendo mais sob controle, Lucas disse:

"Tá tudo bem aí querido? Olha, não vai sufocar hein? Credo! É só um sotaque"!

"Lucas, não é só um sotaque! Você imita muito direitinho, as expressões, tudo. E pega justo o elemento cômico de cada sotaque. Que talento hein rapaz? Poxa! Quando, em mil anos, que eu imaginava que iria ter uma noite tão bacana? Faz muito tempo que passo sábados sozinho em casa entediado, hoje finalmente os meninos conseguiram me arrancar de lá. Olha, eles são o Renato, o André e o Henrique. Eu adoro eles, são eles que me sustentam em pé, eles significam muito para mim, são amigos que fiz aqui em São Paulo mas parece que já os conheço há dez anos. O Renato é como um pai pra mim, advogado, parece que me protege, sabe, cuida da minha solidão e tristeza. Os outros também. São muito especiais. Eles estavam tentando cuidar de mim ao me tirar de casa. Mas aqui estava tão ruim quanto, senão pior. Passei mais de uma hora aqui antes de te conhecer, te asseguro que não gostei e que as horas que estavam por vir prometiam ser piores ainda. Daí me surge esse ser doido, com um papo pra lá de interessante, que eu não imaginaria ter hoje, muito menos aqui, e me arranca essa gargalhada gostosa que acho que não dou há anos.

Estou tão à vontade com você Lucas, não sei se percebeu. Não travei nenhuma vez sequer, não fiquei tímido! Já acho inusitado que isso aconteça neste lugar, agora, de novo, me desculpe o mau jeito, a última pessoa de quem eu esperaria momentos como este seria você! Parabéns! Me surpreendeu muito"!

"Nossa Bruno, pra com isso, você me deixa muito sem jeito! É tão absurdo um cara conversar coisas um pouco além do feijão com arroz e saber imitar uns sotaques"?

"Lindão, hoje em dia eu não espero nem um décimo do que você mostrou até agora".

"Bom, que bom que fui útil, te tirei do tédio um pouquinho e te diverti um pouco. Mas chega de sotaque por hoje né? Sueco fica pra outra hora, senão você morre sufocado. Mudando de assunto um pouco, a luz que vem da pista é meio avermelhada, não consigo ver direito. Sua barba é ruiva ou loira"?

"Nenhum dos dois, é castanho clara. Por quê"?

Era a deixa de Lucas. Depois de deixar Bruno bem relaxado, aproximou-se mais dele, que estava encostado na parede da rampinha, e começou a fazer carinho na barba de Bruno com as costas da mão direita. Bruno imediatamente reagiu olhando para o chão. Lucas tocou o queixo de Bruno suavemente com a mão esquerda e foi levantando a cabeça de Bruno. Disse em voz baixa e carinhosa:

"Lindo, não tem nenhum motivo para você sentir timidez ou qualquer outra coisa. Estamos tendo momentos muito gostosos".

Bruno sorriu e aceitou. Olhou diretamente para Lucas. Foi aí que Lucas se reclinou um pouco, aproximou seu rosto do de Bruno e deu um beijo na barba de Bruno, perto da orelha. E veio descendo de lá, dando beijinhos na barba de Bruno, descendo lentamente, passando muito devagar pelo rosto, muito aos poucos e de forma muito suave. Foi se aproximando do queixo, com muito cuidado, caminhando com muito cuidado até chegar ao cantinho da boca. Ficou por ali um pouco, beijando o cantinho da boca de Bruno e, em seguida, seguiu até que estivesse completamente sobre a boca de Bruno. E neste momento as bocas se abriram e começou um verdadeiro beijo, primeiro muito tranquilo, só selinho. Depois foi se intensificando. O beijo durou um tempo imenso.

Capítulo 3

Enquanto acontecia o beijo, os três amigos de Bruno dançavam. Começaram a perceber que seu amigo estava ausente havia muito tempo. Renato pediu a André que fosse ver onde Bruno estava.

André saiu da pista e foi procurando desde o bar, justamente por onde Bruno havia saído. Não demorou muito avistou a figura de Bruno encostada na parede da rampinha, travando um beijo intenso com aquele a quem usualmente chamavam de jararaca ou monumento. André levou um susto imenso! Deixou cair sua cerveja no chão e ficou alguns segundos parado, com a mão sobre a boca, como quem contém um grito, sem conseguir acreditar no que via. Seu queixo no chão. Depois de alguns instantes cobrou a consciência e voltou, e tentou retornar puxando Henrique com força.

Henrique estava entretido, não queria vir, resistia, reclamava. André não dizia nada, só o puxava com veemência e cara de assombro. Quando chegaram no ponto onde André estava antes, Henrique ainda não tinha visto nada. Olhava para André reclamando: "O que deu em você? Para de me puxar, tá louco? Não gosto que me puxe". André não disse nada, só apontou. Henrique olhou, não deu muita trela e já se voltou para André, ia continuar a reclamar quando... a ficha caiu. Ele olhou de novo, colocou a mão sobre a boca, arregalou os olhos e deu um grito.

Depois de passarem alguns segundos ali paralisados, resolveram ir até Renato chamá-lo. Mesma história. Renato não queria vir. Veio a contragosto. Já fora da pista de dança, onde é possível escutar o que o outro diz, perguntou o que queriam, em tom bravo. Os dois apontaram. Outra vez o mesmo assombro. Agora estavam ali os três, abobados, olhando. Passado o susto, Renato fez menção de ir até lá, interromper o beijo e arrancar Bruno dali. Os outros dois o convenceram a não fazer isso. André disse:

"Renato, o Bruno não se diverte nunca, não fica com ninguém! Ele é adulto vacinado. O que o jararaca pode fazer com ele aqui dentro? Deixa ele curtir um pouco, quando estiverem para ir embora a gente vai tirar o Bruno dele. Deixa o Bruno se divertir um pouco, ele precisa"!

Renato achou razoável. Voltaram para a pista dançar.

Depois que finalizou o beijo, os dois se separaram, ficaram sorrindo em silêncio um para o outro, curtindo um pouco. Até que Lucas se manifestasse:

"E aí Bruno? Quebrou o gelo"?

"Quase".

"Como assim quase"?

"Eu preciso te dizer umas coisas Lucas, posso"?

"Ihhhhh, sinto que lá vem coisa ruim. Vai, manda"!

"Bem, você não sabe disto, mas eu e meus amigos vimos você chegar. Quando você entrou pela porta da pista menor lá de cima e fez sua passagem triunfal pelo salão, todos nós nos impressionamos. Ficamos deslumbrados com a sua beleza"...

"Ah, Bruninho, por favor! Poxa, essa história de novo? Parece que eu sou só um corpo... Você sabe que isso não é verdade"!

"Calma Lucas, não é isso que quero dizer, só estou relatando desde o começo. Por favor, deixe-me contar"!

"Tá, vai lá".

"Então, você atravessou o salão e todo mundo comentou com muito fascínio que você era muito bonito, rosto e corpo, que estava muito acima de qualquer pessoa daqui, pois já tínhamos visto toda a balada. Ficamos pensando que você não combinava com esta balada, e com quem você ficaria, pois ninguém daqui chega aos seus pés".

"Você não imagina o quanto eu acho chato escutar esse tipo de comentário Bruno... Mas ok, se precisa me dizer, prossiga".

"A gente até ficou pensando se por acaso você estaria entediado do seu mundo e veio aqui para experimentar alguma coisa diferente, só para distrair".

"Absurdo, absurdo, absurdo. Vai"!

"Comentamos tudo isso em voz alta e havia dois caras ali que não conhecemos que vieram falar conosco. Eles nos alertaram sobre você, pediram que tomássemos muito cuidado com você, pois você é muito perigoso. Nas palavras deles, o que foi dito foi a seguinte série de adjetivos: antipático, arrogante, metido, insuportável de nojento, grosseiro, agressivo, falso, hipócrita, premeditado, manipulador, perigoso, uma cobra venenosa, um escorpião negro".

"Isso não me espanta nem um pouco Bruno. Existe um grupo de bichas malignas neste lugar que me odeia. Elas espalham fofocas horríveis a meu respeito. Dizem também que sou garoto de programa, que me aproximo de coroas para explorá-los, que roubo carros na saída, que dopo caras, vou até caixas eletrônicos e roubo todo o dinheiro deles, roubo a casa deles, já